



AS FEIRAS LIVRES E OS CHARUTOS DE FIDEL

Um jornalista sergipano que gosta de bater perna pelo mundo, faz mais de 20 anos estava em Cuba. Fidel, ainda firme e forte, fumava seus Cohibas (os melhores charutos cubanos) e surgia, vez por outra, na rede estatal de rádio e TV para fazer, com voz de bêbado, suas longas e fastidiosas falações. Era antevéspera do Natal. Papai Noel, símbolo do consumismo capitalista, ainda não conseguira passaporte para circular com seu trenó e suas renas distribuindo presentes aos "chicos" e "chicas" cubanos. No distante leste europeu o socialismo desmoronava. O ditador romeno Ceausescu, e sua mulher Yelena, eram fuzilados. Em Cuba ninguém sabia de nada. Fidel surgia na TV. No outro dia, pela manhã, um carro de alto-falantes percorria as ruas do bairro Vedado, em Havana, anunciando que naquele fim de ano (não se falava em Natal) os cubanos teriam o direito de comprar três garrafas de cerveja, e até iriam comer frango fresco, naquele momento vendido numa rua próxima. Curioso, o jornalista correu ao local. Havia uma enorme fila, e os frangos abatidos, inteiros, estavam amontoados na carroceria do caminhão militar de fabricação russa.

O jornalista, 10 anos antes, batera perna pelo mundo socialista.

Em Berlim Oriental notou as longas filas em todas as biroskas estatais

que vendiam alimentos. O mesmo sucedeu na Tcheco-Eslováquia, na Polônia.

Em Havana, conversando com o motorista de um taxi clandestino, coronel, ex-comandante de tropas que Fidel mandara lutar na África, revelou-se surpreso e decepcionado, e perguntou ao oficial-taxista, qual a causa daquela reduzida oferta de alimentos. Ouviu do militar a explicação que detonava um dogma do regime de Castro: "É Preciso que nos deixem criar galinhas, e que elas e outros produtos possam ser vendidos em feiras livres".

A generosa ideia socialista teria sobrevivido, e possivelmente criado um mundo novo, se não houvessem cometido o grave erro autoritário, sufocando a capacidade de iniciativa, o empreendedorismo das pessoas, que oxigenariam a hermética economia estatal. As feiras livres, como o nome está a indicar, são o resultado da liberdade que cada um tem para produzir, para vender, para comprar, para assegurar a própria subsistência.

O Estado será, para sempre, incapaz de montar uma feira livre, que é o resultado da complexa rede que espontaneamente se forma, se articula, se movimenta. A feira é livre porque nela o Estado não mete o seu burocrático e ineficiente bedelho.

Em Aracaju estão querendo burocratizar as feiras livres, sob o pretexto de que elas são imundas, anti-higiênicas, desorga-

nizadas e incomodas. Houve a interferência do Ministério Público, que até fixou prazo para a "regulamentação", e a Prefeitura parece entusiasmada com a ideia, tanto assim, que o eficiente Carlos Batalha, Secretário da Comunicação, que tão bem conhece o seu ofício e faz jus ao nome quando se envolve numa polemica, sem dúvidas excedeu-se, e deixou no ar, primeiro, a impressão de preconceito, segundo, a suspeita de que haveria na Prefeitura de Aracaju a deliberada intenção de prejudicar os feirantes, enquanto os ávidos supermercados, aqui cartelizados, estariam comemorando. Batalha disse, e certamente da frase infeliz irá se desculpar, porque não é arrogante: "Recomendo sempre à minha família que jamais compre qualquer coisa nas feiras livres". As feiras livres são uma atividade, sobretudo, democrática, popular e de uma enorme importância para criar alternativas de compras e gerar empregos. Das feiras-livres dependem milhares de famílias, e nem o Ministério Público nem a Prefeitura de Aracaju devem, voluntariamente ou equivocadamente, gerar um clima de insegurança e de medo para esses milhares de famílias.

Medidas visando melhorar as condições de higiene podem e devem ser adotadas, como se fossem, e são simples ações de rotina, sem ameaças, nem autoritarismo. Como bem observou o atilado

radialista Marco Aurélio, no recordista programa de George Magalhães, feiras livres fazem parte da nossa cultura, mais arraigadamente, da cultura nordestina, e mexer com hábitos e tradições do povo é sempre uma atitude que tresanda odor retrógrado de autoritarismo e arrogância, ou, insensibilidade.

Seria recomendável que os artífices dessa desnecessária trapalhada se desfizessem dos seus atavios burocráticos, ternos escuros, gravatas, saltos altos e scarpins. Como gente simples, destituídos das formalidades e das pompas dos seus cargos, fossem dar uma volta pelas feiras-livres, aproveitando para conversar com vendedores e fregueses, talvez então, voltassem a pisar no chão fascinantemente rico da nossa cultura, da forma de vida do nosso povo, da nossa realidade que não nasceu nos gabinetes refrigerados, nem por eles será alterada.

Para completar o tour de force em direção ao andar de baixo da nossa sociedade ainda tão aristocraticamente discriminatória, colocassem todos, nos seus aparatos de som, a música Feira de Mangaio, do genial Sivuca e sua mulher Glorinha Gadelha. Iriam entender melhor o que é uma feira livre.

Deixem livres as feiras-livres. Foram elas, aliás, que ajudaram a Europa a ir se libertando da camisa de força da sufocada economia feudal. Com isso, a nobreza perdeu, e o povo ganhou.